

Comunicação não violenta

UMA ABORDAGEM
TRANS INCLUSIVA

UFSCar

proace

SABDE



CS
COORDENADORIA DE
COMUNICAÇÃO
SOCIAL | UFSCar

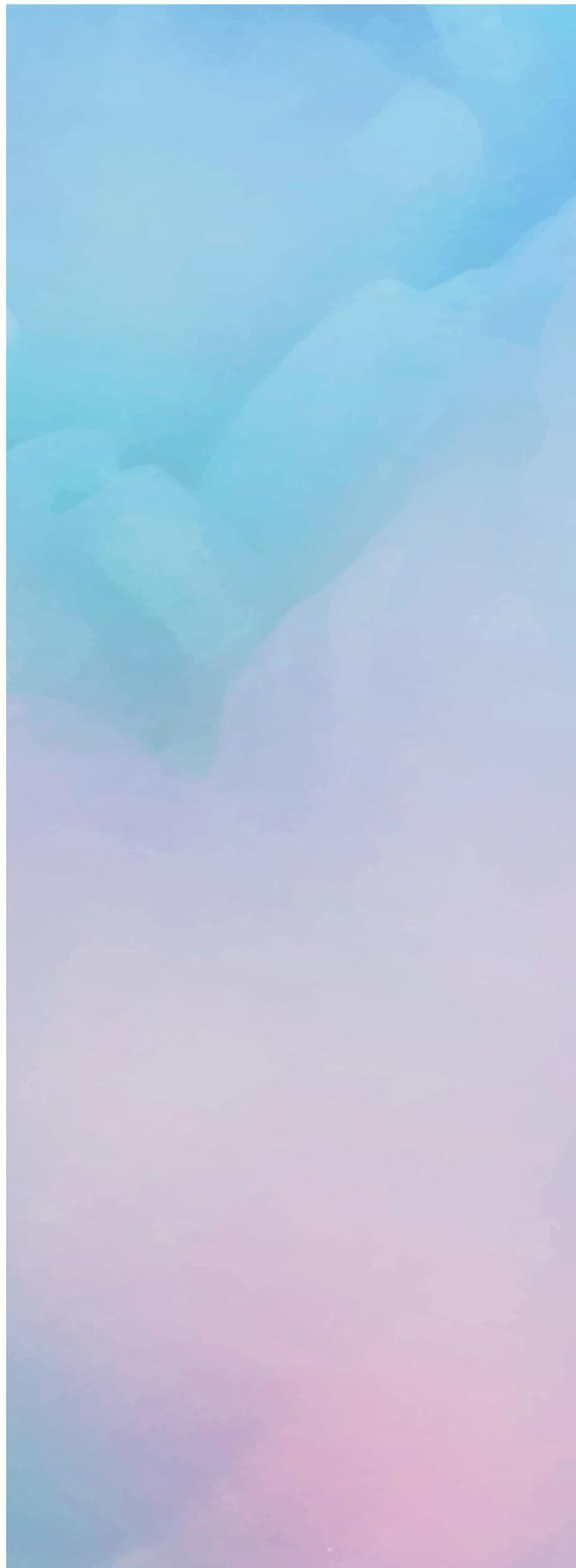
FAI
UFSCar

- 3.** O que são pessoas trans?
- 4.** Nome Social
- 5.** Pronomes
- 6.** Comunicação não violenta
- 7.** Estereótipos, estigmas e preconceitos
- 7.** Escuta ativa e empatia
- 8.** Diálogo Respeitoso
- 9.** Como denunciar

SUMÁRIO

O QUE SÃO PESSOAS TRANS?

Uma pessoa trans é um indivíduo que não se identifica com o sexo/gênero imposto ao nascimento e que passa, portanto, por uma transição, relacionada, sobretudo, com o questionamento e o rompimento das dinâmicas e das regras de gênero que formatam e cerceiam sua existência.



NOME SOCIAL

Nome social é a forma por meio da qual a pessoa trans escolhe ser tratada e sente sua identidade contemplada. Ele representa um dos direitos mais fundamentais da Constituição, o de identidade pessoal, personalidade e princípio da dignidade da pessoa humana.

Normativas

- O nome social é um direito respaldado por lei. Em 2015, em uma resolução inédita, um ato normativo foi aprovado pela Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal e normatizou a adoção do nome social em instituições de ensino.

- No ano seguinte, o Decreto Presidencial N° 8.727/2016 dispôs sobre o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas transexuais e travestis.

- A Universidade Federal do Amapá (UniFAP), em 2009, foi a primeira universidade federal a possibilitar a utilização do nome social nos ambientes acadêmicos.

- Na UFSCar, o reconhecimento e a possibilidade de utilização do nome social remontam às resoluções do ConsUni n° 780/2014 e n° 861/2016.

Respeito!

Com isso, não respeitar a identidade de gênero de uma pessoa transexual ou travesti não significa somente um desrespeito, mas configura um crime.

Sempre que surgir alguma dúvida, pergunte antes o nome da pessoa e a forma com que ela deseja ser tratada. Esse é o passo inicial e fundamental para um diálogo.

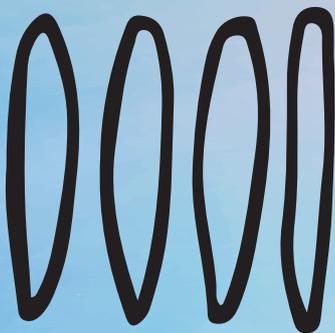
PRONOMES

Apesar de haver muitas polêmicas sobre o assunto, os pronomes são de fundamental importância. Mas antes de falar nisso, é importante entender o que são pessoas não-binárias.

Pessoas não-binárias são aquelas que não se identificam com o binário homem/mulher de gênero, não se sentem contempladas por essas categorias e, nesse sentido, reivindicam uma identidade de gênero para além disso, a não-binariedade.

Baseado em “novas evidências científicas e progresso conceitual” sobre gênero, saúde e desenvolvimento, o próprio Manual de Integração de Gênero – um manual de abordagem prática para gestores de saúde – da Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece a abordagem de gênero e sexo para além do binário.

Muitas pessoas não-binárias preferem ser tratadas por meio do pronome neutro, pois não se sentem representadas pelos pronomes ela/dela ou ele/dele e optam por serem referidas por pronomes como elu/delu ou ile/dile.



Existem diversas formas inclusivas de se comunicar. Uma delas consiste em não marcar a identidade de gênero da pessoa. Por exemplo, ao invés de dizer “Nossa, você é bonito (a)”, presumindo a forma como a pessoa quer ser tratada, você pode dizer “Você é uma pessoa bonita”.



COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

Por que falar sobre comunicação não violenta?

A universidade é um ambiente múltiplo e plural, composto por vivências e especificidades diversas, assim, notamos a necessidade de uma forma de comunicação que seja respeitosa e, sobretudo, inclusiva a essa diversidade. Nesse sentido, a comunicação não violenta pode se tornar uma ferramenta valiosa para a construção de um diálogo empático e compreensivo para evitar atravessamentos, falas preconceituosas e estigmatizantes.

Resumidamente, a comunicação não violenta é uma técnica ou uma abordagem que busca melhorar a qualidade da comunicação entre as pessoas, promovendo a empatia, a compaixão, o respeito e a cooperação. Desenvolver uma comunicação que objetive a não violência facilita a resolução de conflitos interpessoais, além de possibilitar o desenvolvimento de relações mais saudáveis. Por meio dessa abordagem comunicativa, as pessoas podem aprimorar a sua forma de se comunicar, expressando, com maior clareza e honestidade, seus sentimentos e necessidades e escutando ativamente o outro.



ESTEREÓTIPOS, ESTIGMAS E PRECONCEITOS

Comunicar-se de maneira não violenta também corresponde a não reproduzir ideias pré-concebidas. Presumir como a pessoa deve se portar, falar ou vestir é violência. Muitas vezes essas ideias acabam por causar constrangimento e sofrimentos às pessoas, pois reproduzem uma cobrança da sociedade em relação a como devem ser. Isso pode atingir a individualidade das pessoas, o direito à personalidade e à sua própria expressão.

Nenhuma pessoa deveria ter que se submeter às expectativas dos outros com relação a sua forma de existir. Se nos propomos a construir um diálogo inclusivo, precisamos nos atentar em não reproduzir essas ideias. As pessoas são diversas, plurais, múltiplas. É natural que haja diferentes formas de se expressar, inclusive com relação ao gênero, e isso deve ser respeitado.

ESCUTA ATIVA E EMPATIA

**Ter a sua fala interrompida não é uma das coisas mais chatas?
Que tal se comprometer com a escuta ativa?**

A escuta ativa é uma técnica de comunicação que consiste na escuta atenta ao que o outro está comunicando. Isso significa não cortar colegas no meio da sua fala, esperar sua vez etc. Mas, para além disso, é se permitir estar nessa posição de ouvinte que respeita o tempo do outro, que reconhece o potencial de sua fala, sua perspectiva, sua opinião.

**Busque se colocar no
lugar do outro.
Pense antes de falar.**



DIÁLOGO RESPEITOSO

Sugestões para o estabelecimento de um diálogo respeitoso com uma pessoa trans:

- * Não presumir o gênero ou pronome da pessoa. Perguntar o nome ou como gostaria de ser tratada;
- * Não presumir condições para ser uma pessoa trans, como, por exemplo, vestimentas e comportamentos;
- * Evitar comentários sensíveis, ou invasivos em relação à identidade de gênero, à sexualidade, à realização de cirurgias e às características corporais da pessoa.
- * Falas como “Nossa, você é tão bonito(a), nem parece trans”, presumem condições para ser trans, que, na maioria das vezes, são estereótipos negativos e violentos;
- * Não perguntar o nome de registro, chamado de “nome morto”, pois é um nome que representa algo que não existe mais, não representa aquela pessoa.
- * Não fazer perguntas como: Como faz para ir ao banheiro? Como faz para ter relação sexual? Essas são perguntas invasivas.

COMO DENUNCIAR

Você pode ter chegado até aqui e ter muita clareza de que não possui comportamentos excludentes com relação às pessoas trans, no entanto, apesar disso ser muito positivo, ainda é essencial que você tome uma atitude ao presenciar algum tipo de violência e transfobia. Posicionar-se em defesa a pessoa que é alvo de violência e preconceito é de suma importância.

Você pode fazer isso denunciando e procurando grupos de apoio.

Além disso, será importante pensar em como a pessoa trans ficará após esse acontecimento, nesse sentido, busque acolhê-la, ou, se julgar que não sabe como fazê-lo, busque ajuda de alguém, forneça orientações a respeito de acolhimento profissional com psicólogos ou assistentes sociais.

Se você for vítima de qualquer ato de transfobia, procure ajuda. Na UFSCar, você pode encontrar acolhimento nos seguintes setores:

- Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Proace)
- Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE)
- Departamento de Atenção à Saúde (DeAS)
- GT Transformar
- Ouvidoria Geral

TRANSFOBIA É CRIME, ENQUADRADO PELO ARTIGO 20 DA LEI 7.716/1989, COM PUNIÇÃO DE RECLUSÃO DE UM A TRÊS ANOS E MULTA. PORTANTO, RECORRER JURIDICAMENTE É SEMPRE O MELHOR A SE FAZER.



Comunicação não violenta

UMA ABORDAGEM
TRANS INCLUSIVA

Conteúdo produzido por: Victória Ayumi de Oliveira

Designer: Daiany B. Zago

